

**O ORIENTE MÉDIO 'CIVILIZADO':  
ROMANCE DE FORMAÇÃO E RESISTÊNCIA NO SÉCULO XXI**

Pedro de Freitas Damasceno da Rocha<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho estuda como o gênero literário romance de formação da obra *The Tobacco Keeper*, ao alinhar história e ficção, pode contribuir como forma de legitimação da resistência de indivíduos e de um povo vivendo sob um estado de exceção cujo mecanismo de controle de sua população se confunde com justificativas civilizatórias.

**Palavras-chave:** Oriente Médio; *Bildungsroman*; Civilização; História; Literatura do Século XXI.

**ABSTRACT:** This work aims to understand how the literary genre of *The Tobacco Keeper* novel, by aligning history and fiction, can contribute legitimizing the resistance of individuals and a people living in an authoritarian State whose mechanisms of control of its population are mistaken by civilizational purposes.

**Key-words:** Middle East; *Bildungsroman*; Civilization; History; 21<sup>st</sup> Century Literature.

No romance *The Tobacco Keeper* (2011 – *O guardador de tabaco*, tradução livre), do escritor iraquiano radicado na Bélgica, Ali Bader, um narrador fantasma narra a trajetória de um violinista e de um país, mas muitas identidades e diversas fronteiras. Contextualizado no Oriente Médio do século XX, com epicentro em Bagdá, o romance trabalha com as consequências das transformações ocorridas na região e na vida dos cidadãos desses novos países, desde o fim do Império Otomano e da Primeira Guerra Mundial, até meados da primeira década do século XXI no Iraque.

O personagem principal é testemunha do que Hobsbawn chamou “era das catástrofes”, tendo vivido as consequências da primeira guerra, os eventos circundantes à segunda guerra, e os conflitos da segunda metade do século XX, em uma configuração regional inteiramente nova instituída após a primeira guerra e endossada pelos subsequentes governos locais. O romance ancora suas ações em fatos históricos reais, de forma que a trajetória dos personagens se imbrica com eventos marcantes do último século, e o desenrolar da história acontece ao longo da narrativa em conjunto com a trajetória do músico.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Doutorado e mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A abertura do livro narra que o corpo do compositor iraquiano Kamal Medhat foi encontrado nos arredores de uma ponte no Rio Tigre em Bagdá, em 2006. Logo em seguida os leitores são informados de que o violinista seria Yousef Sami Saleh, cuja família emigrara para Israel em 1950 (BADER, 2011, p.3). Natural de Bagdá, o músico forjara para si identidades a fim de escapar a perseguições políticas e religiosas. Nascido em uma família iraquiana de judeus no ano de 1926, em 1953, após a criação de Israel, assume a identidade de um muçulmano iraquiano xiita, Haidar Salman. E em 1981, após o início da guerra Irã-Iraque, assume a identidade de um muçulmano iraquiano sunita, Kamal Medhat.

Para Adorno, a “teoria da literatura se articula com a discussão de problemas da vida política de seu tempo” (GINZBURG, 2003, p.62). É importante levar isto em consideração ao buscar compreender as ações que se desenvolvem durante a narrativa, pois eventos ficcionais chaves do romance são estreitamente vinculados a circunstâncias históricas de extrema relevância. Seja através da nova configuração territorial, pelo compulsório rearranjo identitário, ou por todas as impossibilidades impostas, tornou-se incoerente praticar uma crítica literária metafísica que pudesse supor qualquer totalidade. Adorno então propôs uma leitura com base histórica, em movimento de rompimento com convenções, voltado “para uma crítica das formas desumanizadoras de experiência social do século XX” (GINZBURG, 2003, p.62).

Marcio Seligmann-Silva diz que a literatura de uma época de catástrofes leva a uma revisão da história da literatura em relação a seu compromisso com o “real” – e não “realidade” – que resiste à representação. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.85). Esta literatura se constitui através da manifestação do sujeito cujo testemunho possui essencialmente uma perspectiva “referencial” impedindo que se reduza o “real” à sua “ficção” literária (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.85). Vejo ser este o caminho percorrido pelo romance estudado, uma vez que se ambienta em um contexto de terror, pós 11 de setembro de 2001, e visita eventos do século XX como se montasse um mosaico de fragmentos híbridos do real com a ficção em que a parte ficcional estrutura uma perspectiva diferenciada para entendimento da realidade.

Esta ênfase histórica do romance favorece outra abordagem ao texto, e outras leituras conceituais. Pelo fato de a história do livro ser o relato da trajetória de seu personagem

principal, compreendo o romance *The Tobacco Keeper* como um romance de formação. Segundo Jorge Santana, amparado em Arnold Hauser, o romance de formação conta o percurso de desenvolvimento de um protagonista em questões espirituais, sentimentais e cognitivas, em que a história do personagem possa ser relacionada com um universo coletivo, e sua cultura individual seja fonte de uma mais ampla perspectiva social (SANTANA, 2003, p.36).

Este é exatamente o quadro que a leitura do romance *The Tobacco Keeper* apresenta. Os leitores são introduzidos à vida de Kamal, em um desenrolar progressivo, desde sua infância, passando pela sua juventude, até o auge de sua vida adulta, sendo cada um destes momentos coincidentes a eventos relevantes para seu país. Ele é diretamente afetado pelas guerras da primeira metade do século XX, e durante o período da guerra fria é obrigado a lidar com os conflitos que assolam a região. No processo de enfrentamento com sua realidade Kamal sobrevive aos governos de exceção que dominam seu país sucessivamente através da forja de identidades que atendem a sua necessidade prática. A leitura do romance sob a perspectiva do romance de formação reforça a compreensão histórica e política da obra literária.

Dado este panorama, os objetivos deste trabalho serão três. Primeiro, localizar o romance em um ambiente de exceção que motiva e justifica as ações do personagem principal introduzindo a perspectiva histórica como crucial para o desenvolvimento da narrativa. Em seguida, e em decorrência do viés histórico, entender como a forma do romance – *Bildungsroman* – é utilizada como ferramenta discursiva através da qual o sujeito e a coletividade que representa possam alcançar autonomia. E por fim, como a articulação das estratégias de sobrevivência do personagem, via fabricação de identidades no contexto em que se encontra funcionam como resistência ao autoritarismo implícito na sociedade e conduzem a modos de existência alternativos na contemporaneidade.

## 1. As guerras e a delimitação dos espaços

*A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral.*  
(BENJAMIN, 1994, p.226)

Eric Leed, em *Terra de ninguém, experiência de guerra e identidade pessoal na Primeira Guerra Mundial*, afirma que a “experiência da guerra é a contínua transgressão de categorias. (...) Acostumar-se com a guerra significou adquirir familiaridade com um mundo definível somente em termos de paradoxo” (LEED, 1985, pp.33-36). Há neste trecho algumas questões que devem ser destacadas. A primeira é a experiência da guerra vivida pelo personagem do romance estudado. Se Leed fala que esta vivência representa uma contínua transgressão de categorias, a experiência contínua da guerra, desde o fim da primeira guerra, para não dizer de antes, o Oriente Médio é assombrado por conflitos intermináveis que minam a vida dos habitantes deste espaço. E, se esta convivência tornou-se familiar, encontramos paradoxos evidentes no romance, postulados como alternativas à agrura da vida cotidiana, os quais serão tratados um pouco mais adiante.

Jaime Ginzburg, em *Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios*, afirma que o impacto de Auschwitz no pensamento ocidental e a consequente interiorização de sua extrema violência levaram à reelaboração do interesse filosófico da sociedade, visto que a partir daquele momento, qualquer crítica que se propusesse estaria amparada em “critérios enraizados em uma experiência coletiva, histórica, de aniquilação” que não admitiria “uma representação idealista, com um sujeito lírico plenamente constituído” (GINZBURG, 2003, p.66), já que a plenitude seria incongruente com o horror proporcionado pela guerra. Gostaria de enfatizar aqui o processo cumulativo histórico social que culminou na Grande Guerra do início do século XX, evento crucial para podermos esboçar qualquer leitura do Oriente Médio nos dias atuais, uma vez que Ginzburg, amparado em Adorno, comenta da importância da segunda guerra para o pensamento ocidental, a primeira guerra é definitiva para compreensão da circunstância oriental.

A Primeira Guerra mundial selou o fim do Império Otomano, e de suas ruínas o sistema estatal do moderno Oriente Médio foi criado. Entre 1815 e 1850 emergiu a chamada “questão oriental”: a preocupação das potências europeias quanto ao destino do Império Otomano, que apesar de deter inquestionável legitimidade de soberania sobre os povos islâmicos, era chamado de “o homem doente da Europa” (SUSSER, 2017a, p.16). O medo das potências europeias era de que o declínio ou colapso do Império Otomano poderia levar a um conflito europeu pelos restos do Império que alterasse o equilíbrio de forças na Europa e levar

a uma guerra europeia terrivelmente destrutiva. Buscando prevenir tal cenário, as potências europeias compartilhavam, de modo geral, um interesse coletivo na preservação do Império Otomano apesar de sua fraqueza, para impedir a desintegração do Império e assim evitar a desestabilização da relação de forças na Europa (SUSSER, 2017a, p.16).

Em pouco tempo tudo mudou drasticamente. Se há pouco as potências europeias procuravam preservar a integridade do Império para preservar a paz na Europa, após o início da guerra Inglaterra e França tinham todos os motivos para querer a derrocada e o desmembramento otomano, sobretudo após sua decisão de se aliar à Alemanha e à Áustria (SUSSER, 2017b, p.64-65). Assim, logo no início de 1916 – e, portanto, bem antes do final da guerra – foi assinado o Acordo de Sykes-Picot, que dividia a parte central do império entre aqueles países. Após a guerra, a França ficou com os mandatos da Síria e do Líbano, enquanto a Grã-Bretanha ficou com os mandatos da Palestina (que incluía a Jordânia) e do Iraque (SUSSER, 2017b, p.74) O mandato era um acordo colonial pelo qual a potência detentora do mandato se comprometia a guiar o território de sua posse à autodeterminação e independência. Assim, o compromisso da França seria guiar o Líbano e a Síria em direção à independência, e seria esse o compromisso de a Grã-Bretanha fazer o mesmo na Palestina, na Jordânia e no Iraque (SUSSER, 2017b, p.75)

O reino do Iraque foi estabelecido na histórica Mesopotâmia, área dos dois grandes rios Tigre e Eufrates. Faisal, o príncipe Hashemita, foi instalado como rei do Iraque em 1921, por meio de um referendo cuidadosamente orquestrado pelos britânicos para produzir a desejada aprovação popular do povo iraquiano (SUSSER, 2017c, p.98). Nos anos 1920 a população do Iraque era um grande mosaico de etnias e credos que não aceitou passivamente este governo alinhado com os europeus, promovendo demonstrações contra o mandato britânico por completa independência. A mobilização social era tal que tanto líderes sunitas como xiitas decidiram utilizar as cerimônias religiosas em celebrações conjuntas para unir a população na luta contra os britânicos (SIMON, 2004, p.44). Neste momento a política inglesa mudou, ao invés de um mandato, Iraque e Grã-Bretanha passariam a estar vinculados por tratados, adequadamente pensados para atender à recém-criada nação iraquiana, estrategicamente supervisionada por especialistas britânicos (SIMON, 2004, p.46).

É neste contexto em que nasce o personagem principal do romance *The Tobacco Keeper*, em um país em que era mais apropriado falar de “nação-estado” do que estado-nação, visto que diferentemente da Europa, os estados nacionais da região foram criados com suas fronteiras definidas após a Primeira Guerra Mundial, antes de suas nações tomarem corpo. De forma que “não havia povo palestino, nem sírio, ou iraquiano quando seus respectivos países foram criados. Mas com o tempo, com a existência desses estados, nações de fato começaram a emergir com uma identidade territorial particular”<sup>2</sup> [tradução livre] (SUSSER, 2017a, p.2). Assim, temos configurado um arranjo territorial que favorecia o desarranjo identitário da região, e é sob esta perspectiva que trabalharei com o conceito de *Bildungsroman* mais adiante, em que os esforços do personagem em busca da constituição de sua personalidade através da educação e da prática artística espelham a formação de um estado nacional.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve significantes mudanças no Iraque, como melhores níveis de educação que levaram a uma crescente politização da sociedade iraquiana (SUSSER, 2017d, p.121-122). No início dos anos 1950 o país estava começando a aproveitar da sua riqueza proveniente do petróleo, no entanto, a instabilidade da sociedade favoreceu outros dois golpes, um em 1958, e o outro em 1968 – em que o segundo homem no poder era Saddam Hussein (SUSSER, 2017d, p.123-124), cujo governo durou até a invasão estadunidense daquele país em 2003. A segunda guerra teve ainda outros desdobramentos de extrema relevância para o destino do personagem. Um deles, três anos após o fim do conflito, em 1948, foi a fundação de Israel na região da Palestina. Este fato é determinante para a precarização das condições de vida para os judeus no Iraque, o que gera uma onda de migrações em massa para o novo país.

É nesse momento em que os paradoxos apontados por Leed começam a ser ressaltados. Até então era possível notar o estabelecimento de paralelos entre o Oriente Médio e a Europa, que representariam em si o paradoxo ocidente-oriental. A partir desta circunstância da criação de Israel e a forçada migração de Yousef, os paradoxos concentram-se no personagem, que, a seu modo, encontra um meio de viver em seu país natal: assumir outra identidade. Retomando Adorno e Ginzburg, sobre a impossibilidade da plenitude do sujeito,

---

<sup>2</sup> There was no Palestinian people, nor Syrian, or Iraqi people when their respective states were created. But with time, with the existence of these states, nations did emerge with a particular territorial identity (SUSSER, 2017a, p.2).

Yousef é impedido de ser quem é onde deseja viver – judeu em Bagdá – e assim foge de Tel Aviv para Moscou, onde assume a identidade de Haidar Salman, também iraquiano de Bagdá, porém, xiita (BADER, 2011, p.11).

Uma segunda troca de identidades intensifica os paradoxos representados pelo personagem e ocorre em circunstâncias similares de exponencial preconceito e perseguições. Trinta anos depois de Yousef haver assumido a identidade de Haidar Salman, tem início a guerra Irã-Iraque, conflito este que durou quase uma década e afetou milhares de pessoas. Todos os cidadãos no Iraque com filiações iranianas tiveram sua cidadania revogada e foram deportados para o país vizinho, enquanto muitos jovens foram mortos (BADER, 2011, p.15). Apesar Haidar de ter sido deportado como tantos outros pelo fato de sua religião, determinado a viver em Bagdá ele vai para Damasco onde assume sua terceira identidade, a de Kamal Medhat, iraquiano de Mosul, sunita.

## 2. A trajetória de uma formação fragmentária

*É sob a forma de fragmentos que  
as coisas olham o mundo.  
(BENJAMIN, 1984, p.208)*

Um dos pontos chaves do romance é a relação dos fatos ficcionais com a história, sobretudo como o desenvolvimento do personagem da infância à vida adulta se relaciona com a história de seu país. Retornando a Adorno e sua proposta da dialética negativa, cuja razão se baseia em contradições não superadas, a história torna-se muito mais relevante que a metafísica hegeliana, e assim, é deixado de lado o idealismo para dar lugar à finitude da experiência histórica (GINZBURG, 2003, p.63-64). Ginzburg afirma que os antagonismos não elaborados da sociedade se apresentam nas obras de arte como características particulares em sua forma, de modo que em contextos de conflito a arte os elabora como experiência estética (GINZBURG, 2003, p.66)

No romance estudado é possível notar esta mudança de forma clara, dada a impossibilidade da plenitude do personagem principal em uma identidade absoluta se resolver em fabricações de identidades que ancoradas em eventos históricos. Note-se que em um contexto de elevado antissemitismo o personagem adota a identidade de um muçulmano; e quando a circunstância acirra os ânimos entre xiitas e sunitas em um governo sunita, o músico

assume a identidade e religião do governo instalado para que assim possa viver com o mínimo de liberdade. Deste modo, a experiência histórica de intolerância e exceção retratada esteticamente via ficcionais trocas identitárias abre ao leitor o questionamento de como abordar tal sequência de acontecimentos e qual o impacto disto ao se pensar o mundo contemporâneo, assombrado por este passado de guerras e intolerância.

Para Wilma Patrícia Maas, o romance de formação é uma forma eminentemente realista, enraizado em circunstâncias históricas europeias do final do século XVIII, e, apesar de originalmente alemão, o estilo foi assimilado também por literaturas mais jovens (MAAS, 2000, p.13). Para a autora, o romance de formação é uma forma literária elaborada para corresponder aos anseios tanto do indivíduo, que tem sua história narrada, quanto de sua classe (MAAS, 2000, p.21), em que o projeto idealista se transforma em inteligência política (MAAS, 2000, p.15).

O fato de esta forma literária ter ênfase realista casa muito bem com a perspectiva de citada no início deste trabalho de a narrativa ter um fundo testemunhal, em que se estabelece uma referência direta entre a ficção e o real, atribuindo um compromisso com o que é relatado. Outro aspecto a ser ressaltado é como esta forma discursiva é imbuída de uma inteligência política. Não por acaso as identidades assumidas condizem com o governo situacional, não por interesses necessariamente políticos, e sim por apenas nesta condição o protagonista poder se dedicar à vida que escolheu.

O contexto da formação conceitual do *Bildungsroman* pode ser referenciado a uma pergunta veiculada na *Revista Berlinense*, em 1784: “O que é Iluminismo?”. Maas cita uma das respostas publicadas nos números subsequentes da revista, que diz: “Formação, Cultura e Iluminismo são modificações da vida em comunidade, efeitos da dedicação e dos esforços dos homens em prol da melhoria das condições do convívio social” (MAAS, 2000, p.26). De definições similares no mesmo período depreende-se a base da educação moderna, em uma mudança de compreensão da própria natureza humana, que a partir de então é vista como passível de aperfeiçoamento através de um projeto pedagógico veiculado pela concepção iluminista (MAAS, 2000, p.28-29).

O conceito de ‘formação’ [*Bildung*] evoca também uma noção crucial para a compreensão, tanto do romance de formação, como do romance estudado: a ideia de processo,



que subentende a sucessão de etapas na construção dos indivíduos em direção ao aperfeiçoamento, ao conhecimento de si e do mundo (MAAS, 2000, p.27). Este processo, além de pressupor a “atividade espontânea do indivíduo” (MAAS, 2000, p.28), almeja a formação universal e o aprimoramento de qualidades inatas, em que a narrativa da trajetória do personagem se projeta como trajetória arquetípica a ser seguida por seus contemporâneos e conterrâneos. Para Maas, “o conceito de *Bildung* como formação universal é o que regula e dirige a trajetória do protagonista, embora o processo de aquisição dessa mesma formação permaneça inconclusivo” (MAAS, 2000, p. 38).

A incompletude deste processo, no romance estudado, remete a outro paradoxo inerente ao personagem. Ginzburg situa toda atividade crítica dentro de um sistema cultural (GINZBURG, 2003, p.67), e Yousef, como músico e intelectual, incorpora invariavelmente traços do sistema que habita como meios de produzir sua crítica, no caso, Yousef materializa sua crítica em seu próprio corpo, em uma postura contestadora da concepção de indivíduo e nação, ao assumir para si identidades a princípio inconciliáveis. Este paradoxo ao mesmo tempo em que conduz a uma crítica do sistema, leva a uma crítica de si mesmo (GINZBURG, 2003, p.67), de forma que no processo de constituição de suas identidades o músico empreende um questionamento sobre a composição mesma da sociedade – ao ter de assumir identidades díspares – cindida de forma irreconciliável, que anseia por uma definição que nunca se realiza.

Pode parecer contraditório a utilização da forma do romance de formação para narrar uma história de identidades inconciliáveis e uma nação sem um caráter nacional definido. Todavia, é exatamente a busca por uma harmonização dessa população em uma suposta unidade que justifica a utilização desta forma de discurso. Nas palavras de seu primeiro rei, antes de sua morte em 1933, Faisal afirmou que “no Iraque ainda não há povo iraquiano, mas uma inimaginável massa de seres humanos destituídos de qualquer ideal patriótico”<sup>3</sup> [tradução livre] (SUSSER, 2017c, p.98), e segundo o historiador anglo-iraquiano Elie Kedourie a história do Iraque poderia ser sintetizada da seguinte forma: “desde a fundação primeira do reino iraquiano, existe uma sensação persistente de este ser um reino do faz de

---

<sup>3</sup> “In Iraq there is still no Iraqi people, but unimaginable masses of human beings, devoid of any patriotic ideal” (SUSSER, 2017c, p.98).

conta, construído sobre falsas pretensas e mantido pelo desígnio e propósito britânico”<sup>4</sup> [tradução livre] (SUSSER, 2017c, p.99).

Portanto, é extremamente significativo para leitura empreendida considerar certo caráter ficcional da nação iraquiana, resultado de políticas neocolonialistas europeias, relacionado ao caráter ficcional e ao mesmo tempo realista do romance de formação, que atua como mediador entre a configuração histórica do país e a busca individual do protagonista pelo aperfeiçoamento das suas qualidades inerentes, através da formação universal, em prol da realização de um bem comum (MAAS, 2000, p.29).

Assim, ao mesmo tempo, o aprimoramento do personagem se relaciona diretamente com o amadurecimento da nação em um movimento de crítica da sociedade e de si mesmo, cuja assunção de identidades díspares se transpõe ao discurso nacional como uma proposta de reconhecimento das alteridades que compõe o todo idealizado. Se por um lado foi descartada a idealização de uma plenitude em favor da aceitação da fragmentariedade tanto do indivíduo como da nação, por outro, a utopia que se configura como resistência, de supor que um mosaico de identidades e religiões seja aceito como arranjo social justo, não deixa de ser uma idealização de um todo harmônico que respeite cada parte de sua composição.

### 3. Civilização e barbárie

*O oriente é parte integrante da civilização  
e da cultura material da Europa.  
(SAID, 1990, p.14)*

No livro *Escritos barbaros. Ensayos sobre razón imperial y mundo árabe contemporáneo*, o professor chileno Rodrigo Bolton propõe problematizar a multiplicidade das formas de luta que se dão entre o termo ‘razão imperial’ e ‘mundo árabe’ (BOLTON, 2016a, p.10). Com o termo ‘razão imperial’, o autor designa uma racionalidade muito precisa e historicamente arranjada que provém de uma matriz pastoral, transformando o ‘mundo’ de acordo com o discurso fundamental do humanismo liberal como estratégia do poder governamental. Assim, não há diferença entre razão imperial e seu modo de proceder, visto

---

<sup>4</sup> “From the very foundation of the Iraqi kingdom, there was this nagging feeling that it was a make-believe kingdom, built on false pretenses and kept going by a British design and for a British purpose” (SUSSER, 2017c, p.99).

que ‘mundo’, para tal razão, se materializa como o reino de uma economia em que a superposição e coexistência dos termos evangelização, civilização e democratização convergem em uma mesma matriz pastoral que desde 1492 se realiza como império (BOLTON, 2016a, p.10-11).

Por definição, Bolton diz que “a razão imperial terá como seu objeto de domínio a tudo o que chamamos mundo”<sup>5</sup> [tradução livre] (BOLTON, 2016a, p.11), não obstante, o autor se refere em seu texto ao mundo árabe em particular. O termo mundo árabe, para o autor, pretende designar um conjunto múltiplo de formas de vida que resistem a ser modificadas sob os moldes de quem promove a razão imperial. Assim, mundo árabe se projeta mais como uma complexidade do que uma totalidade, uma trama de relações múltiplas ao invés de uma unidade com limites bem definidos, de forma que a expressão não pode designar uma identidade precisa, senão uma heterogeneidade de formas de vida que não pode ser territorializado em uma geografia particular, configurando-se em uma fuga constante por fronteiras que escapa a cartografias e geopolíticas. Para Bolton, mundo árabe designa uma vida aberta ao outro que se representa em um campo de tensões múltiplas e permanente conflito, como todo o mundo (BOLTON, 2016a, p.11).

Fato que necessita ser lembrado é que os povos do Oriente Médio, por séculos, se identificavam coletivamente, com base na família, na tribo e, sobretudo, pela religião. Apenas depois de um longo e dramático impacto do ocidente novas identidades começaram a emergir baseadas no território e através da língua segundo o estilo europeu (SUSSER, 2017a, p.3). Historicamente isto pode ser ilustrado pela “Questão Mosul”, que resultou de uma mudança nas concepções sobre fronteiras e pertencimentos no início do século XX. Mais do que qualquer outro local, a região de Mosul ilustra a enorme transformação que acompanhou a criação do novo sistema de estados-nação (SHIELDS, 2004, p.50).

A economia de Mosul era baseada na economia regional que conectava a população da cidade com a população que vivia nas áreas ao redor configurando redes de comércio e cultura. Assim, a troca de bens era acompanhada pelo relacionamento entre mercadores e produtores que não reconheciam fronteiras. Após a Primeira Guerra, as novas fronteiras delimitadas pela Liga das Nações corromperam as antigas redes, de forma que em Mosul,

---

<sup>5</sup> Por definición, la razón imperial tendrá como su objeto de dominio a todo lo que llamamos ‘mundo’ (BOLTON, 2016a, p.11).

parcerias antigas foram encerradas e as novas fronteiras ‘nacionais’ transformaram mercadores em contrabandistas, seus produtos em contrabandos, e trabalhadores em refugiados (SHIELDS, 2004, p.51-52). Enquanto os britânicos enfatizavam a identidade e a autodeterminação em seus argumentos, a população – mesmo sob os olhos atentos dos dominadores – rejeitava seus argumentos, valorizando mais a sobrevivência e a prosperidade como prioridades. A “Questão Mosul” apenas tornou-se um problema após a criação do sistema de estados-nação, ou como dito anteriormente, nações-estado. Essa nova ideia insistia que a população poderia ter apenas uma identidade, que as fronteiras das nações deveriam coincidir com as fronteiras do estado, e que os estados deveriam ser mutuamente independentes (SHIELDS, 2004, p.58).

No romance estudado, a última identidade do personagem se liga a esta questão. Kamal ter nascido em Mosul (BADER, 2011, p.16) é fato de grande significância para o entendimento do romance. Como apresentado, esta cidade e sua região não eram naturalmente vinculados a Bagdá ou a uma identidade ‘iraquiana’, definiam-se por traços comunitários regionais marcados pelo comércio destruídos após a criação do estado do Iraque. Inclusive, Mosul, que seria inicialmente anexada ao mandato francês da Síria, acabou vinculada ao mandato inglês do Iraque por questões econômicas e maior força britânica ao encerramento da Primeira Guerra mundial.

Outro ponto digno de nota sobre esta última identidade do protagonista é ele ser proveniente de uma família de comerciantes. No período otomano, dentro da estratificação da sociedade, os mercadores gozavam de certa liberdade dentro do império. Aliás, esta classe era considerada como uma ponte de interação entre a Europa e as demais regiões comandadas pelo governo turco. Por isto, mercadores e comerciantes, no período de reformas implementadas pelo Império Otomano, atuaram como vetores da modernização da região. Assim é também para Kamal, já nesta altura um cidadão global, uma ponte entre universos distintos, seja por suas transformações e assimilações, seja por sua trajetória como músico o ter levado a viver e se apresentar em diversos países, como Rússia, República Tcheca, Bélgica, França e Estados Unidos.

Retornando aos *Escritos barbaros*, o autor propõe que como é global a razão imperial, globais também sejam as formas de resistência. Para ele, sua obra pretende demonstrar que a

bondade do ‘humanismo’ imperial habita a crueldade do racismo, de forma que o otimismo do progresso civilizatório representa a catástrofe dos povos (BOLTON, 2016a, p.11-12). A problematização do conceito de civilização pretende projetar a presente crítica como uma reflexão radical em torno da configuração contemporânea do espaço: interior e exterior, civilizado e bárbaro, ocidente e oriente, que não fazem mais que perpetuar a métrica espacial implementada pelo paradigma civilizatório (BOLTON, 2016b, p.18). Segundo Benveniste, os usos do termo civilização designam um processo de esforço sistemático para fazer com que os indivíduos ‘observem espontaneamente’ as normas da convivência, transformando assim os hábitos da sociedade nas condições de uma urbanização progressiva, o que promoveria a articulação do conceito com um movimento disciplinar da população (BOLTON, 2016b, p.18-19)

Os bárbaros sempre estiveram distantes dos limites do *imperium*, até meados do século XVIII, quando a modernidade, período em que se cunhou o termo civilização, inaugura a ideia de que os bárbaros estão no interior desse *imperium*. O termo civilização assume assim um caráter dinâmico que expressa o processo contínuo pelo qual deverá ser continuamente ‘civilizada’ a ‘barbárie’. A época moderna se definirá em função do inimigo interno, que prontamente será taxado sob a alcunha de ‘terrorista’. Sob esta perspectiva, a dicotomia ‘civilização-barbárie’ implicará conceber a sociedade como um campo de forças que, em virtude da dimensão irreduzível de sua negatividade, a barbárie, exigirá uma intervenção contínua da norma sobre a população. (BOLTON, 2016b, p.21). Não se trata mais de que os bárbaros venham de longe para destruir nossa civilização, e sim que a própria civilização carrega em si mesma a barbárie, que é caracterizada pelo conceito ‘população’ (BOLTON, 2016b, p.25).

### **Considerações finais**

A atuação das potências internacionais no Oriente Médio, sobretudo a definição de suas fronteiras no início do século XX, compõe um projeto de exercício de poder implementado inicialmente pelas potências europeias com a noção de civilização franco-inglesa em um contínuo de alguns séculos e vigente ainda hoje através da noção

estadunidense de democracia (BOLTON, 2016b, p.37). Neste processo, as identidades que compunham a região, bárbaras aos olhos das potências mundiais, foram integradas à civilização, o que legitimou a utilização de estratégias de controle que, para além dos conflitos armados, situam o mundo árabe contemporâneo em um contexto de exceção cotidiana que se disfarça sob os véus da civilização global de nosso tempo.

Na obra estudada a forma discursiva originalmente europeia do romance de formação pode ser compreendida como indicação da assimilação da cultura europeia pelo personagem, uma vez que é através deste discurso que se ampara a tentativa de consolidação identitária e obtenção de autonomia, não apenas para si, mas para seu país. No entanto, se o esperado da utilização desta forma era a obtenção de uma identidade plena ao final do romance, em consonância com a história de seu país dilacerado por guerras e conflitos internos e externos, o personagem principal subverte a formação de uma identidade unitária por uma confluência de personalidades – todas participantes da realidade sócio histórica do Iraque – em um mesmo indivíduo.

Assim, a solução do protagonista viabilizada pela ficção se projeta como uma forma de crítica ao sistema europeu de identidades constituinte do projeto colonizador, e sugere aos leitores que é possível coexistir em universos distintos, desde que sejamos abertos ao outro, que, na maioria das vezes é visto como antagonista inconciliável a nossas próprias aspirações. Por fim, faço coro ao pensamento de Rodrigo Bolton em *Escritos barbaros*, que ao situar a civilização como um problema, sugere a *intifada* como possibilidade (BOLTON, 2016b, p.15), mas não o levante armado, e sim, aos moldes da ficção de Ali Bader, estudada neste trabalho, uma *intifada* conceitual como forma de resistência à opressão que possibilite uma revisão das práticas e costumes vigentes, em prol de uma sociedade mais justa, humana e livre.

## Referências

BADER, Ali. *The Tobacco Keeper*. Translated from Arabic by Amira Nowaira. Bloomsbury Qatar Foundation Publishing: Doha, 2011.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BOLTON, Rodrigo Karmy. El nómos de La civilización. Para una genealogía de la razón imperial. In: *Escritos bárbaros*. Ensayos sobre razón imperial y mundo árabe contemporáneo. Santiago: LOM ediciones, 2016b.

\_\_\_\_\_. Pretextos. In: *Escritos bárbaros*. Ensayos sobre razón imperial y mundo árabe contemporáneo. Santiago: LOM ediciones, 2016a.

GINZBURG, Jaime. *Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios*. Alea [online]. 2003, vol.5, n.1, p.61-69. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v5n1/20347.pdf>>. Acesso em: 27/03/2011.

LEED, Eric J. *La terra di nessuno*. Esperienza bellica e identità personale nella prima guerra mondiale. Bologna: Il Mulino, 1985.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTANA, Jorge Alves. *Romance de formação e o caso do künstlerroman*. In: Revista Signótica, v. 15, n. 1, p. 35-51, 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/3764>>. Acesso em: 21/11/2017.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. *O Testemunho e a Política da Memória: O tempo depois das catástrofes*. Projeto História, São Paulo, nº 30, p. 71-98, 2005. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2255/1348>>. Acesso em: 13/09/2013.

SIMON, Reeva Spector. The View from Baghdad. In: SIMON, Reeva Spector; TEJIRIAN, Eleanor H. In: *The Creation of Iraq, 1914-1921*. New York: Columbia University Press, 2004.

SUSSER, Asher; ATLAS, Duygu. Arab Independence and Revolution. In: *The Emergence of the Modern Middle East*. Israel: Tel Aviv University Press, 2017d.

\_\_\_\_\_. The Creation of the Middle East State System. In: *The Emergence of the Modern Middle East*. Israel: Tel Aviv University Press, 2017c.

\_\_\_\_\_. The Middle East in the Modern Era. In: *The Emergence of the Modern Middle East*. Israel: Tel Aviv University Press, 2017a.

\_\_\_\_\_. The Rise of Nationalism; The Demise of Empire. In: *The Emergence of the Modern Middle East*. Israel: Tel Aviv University Press, 2017b.